

# Bandidos vingam-se na população indefesa

— relata miliciano ferido e a receber tratamentos na Ortopedia do Hospital Central

por Almiró Santos (texto) e Américo Milço (foto)

«Quando demos com os bandidos, eles começaram a disparar, ao mesmo tempo que fugiam e deixavam para trás as mulheres raptadas e os bois que tinham roubado. Enquanto corríamos em sua perseguição, senti uma dor forte na coxa direita e senti-me cuspidos para o mato. Depois... depois não

me lembro de mais nada a não ser que estou aqui (na Ortopedia-1 do Hospital Central de Maputo) desde o mês passado».

Com a coxa já assistida e ligada por médicos ortopedistas, Salomão Tivane espera em breve voltar para Moamba, mais concretamente para Malengane, perto de Sabié, onde deixou a sua arma de miliciano.

A farda não a perdeu. Está no leito

muito perto de si, à espera de voltar a ser envergada e trocada pela roupa do hospital que nem é muita, pois o velho lençol cobre apenas parcialmente a perna sã e parte do tórax, agora magro e raquítico.

Estive no Hospital de Sabié, depois Moamba e agora Maputo.

Como é agora? «Mais ou menos. O médico é muito bom e disse que vou melhorar. Eu já tinha perdido esperança...»

O miliciano ajeita a perna ferida e logo a cara se crispa de dores.

Dois frascos pequenos estão presos à altura do Joelho, enquanto um líquido vai gotejando para o interior das ligaduras, ligeiramente manchadas de sangue.

Dói? — «Sei lá, acho que já foi pior. A rajada que recebi destroçou-me a coxa direita, quase toda. Também o Joelho foi atingido. Até pensei que me fossem cortar a perna...»

Mas, afinal como começou? Estávamos no Comando, em Malengane. De repente alguém entrou a correr e disse que os bandidos armados tinham raptado mulheres e roubado bois...»

Os bandidos armados atacam com frequência? — «Atacar com frequência? Eles evitam confrontos conosco e sempre que levam «porrada», fazem retaliações na população. Raptam e roubam, como no dia em que fui ferido...»

Logo o nosso comandante mobilizou todo o efectivo e saímos em perseguição dos bandidos. Encontrámo-los na estrada que vai para Magude. Eles tinham parado para descansar e reorganizar a manada de bois que tinham roubado.

Foram eles os primeiros a disparar. Nós corremos à procura de abrigo e respondemos enquanto eles fugiam descontroladamente, pois dava a impressão de que não tinham muitas munições.»

Eram muitos? «Não sei. Não deu para contar mas, devia ser um grupo numeroso, pois tinham raptado muitas mulheres e um bom número de bois.»

Entretanto, o nosso comandante tinha começado a fazer um desdobramento para que um outro grupo nos os interceptasse mais à frente.»

E vocês, eram muitos?... Uns 50, talvez, mais até. Eu fiquei no grupo que devia entretê-los para que os outros tomassem posições e os apanhassemos num fogo cruzado...»

Mas, e as mulheres raptadas? «Ah, essas já se tinham refugiado no mato, tal o descontrolo dos bandidos. Vieram dizer-me depois que nenhuma das mulheres ficou ferida, enquanto que cinco bandidos ficaram no terreno...»

Quer dizer que conseguiram apanhar os bandidos no fogo cruzado... «Sim. O nosso comandante orientou o desdobramento e quando os bandidos tinham perdido por completo o controlo da situação, atacámos em massa. Foi então que me atingiram na perna...»

Depois... «Depois não me lembro de mais nada. Acho que perdi os sentidos. Mais tarde vieram dizer-me que

os meus companheiros levaram-me para o hospital de Sabié, depois Moamba e agora aqui, no Hospital Central...»

O miliciano recosta-se na almofada, já acusando um pouco de cansaço. Até que a respiração volte a normalizar-se, ele fica a olhar para o tecto branco da enfermaria.

Depois soergue-se e diz «Vieram dizer-me que mataram o comandante. Ele era muito simples, sabe?»

Era militar? «Não, era o nosso comandante, miliciano como nós. Na nossa zona os militares têm colaborado conosco. Agora que o nosso comandante morreu...»

HEI-DE VOLTAR...

Salomão Tivane, de 50 anos, desde o mês passado que não vê a sua terra. «Mas quero voltar. O que lhe espera o regresso? «Não sei. Se voltar a andar, volto para a minha arma. Se não voltar a andar...»

O miliciano remexe-se. Não quer pensar em tal. Pensa que tem a mulher para sustentar e muitos, muitos outros afazeres. «Tenho que voltar a andar.»

E a mulher, vem visitá-lo? «V m quando pode. É difícil arranjar transporte para cá. Foi ela quem trouxe os cigarros que acabei ontem e mais alguma coisa para comer...»

O braço, ainda fraco, aponta para uma tigela rústica e uma garrafa de plástico que está sobre a mesa de cabeceira.

E que tal a comida do hospital?... «Eles dão-nos a comida a tempo. Os enfermeiros até são amáveis e os médicos mostram grande interesse pelos doentes.»

De novo o miliciano-volta a remexer-se entre os lençóis, e a face, coberta de uma barba já um pouco grisalha contrai-se de dores.

A perna ferida está suspensa e, por baixo, a farda já um pouco desbotada, a servir de almofada. «As vezes me vêm dores insuportáveis», afirma, como que para si próprio.

«Ouvi notícias da Moamba, acrescenta com voz rouca. «Diziam que um tractor tinha sido destruído e que muitas pessoas tinham sido mortas pelos bandidos armados. Eles estão a vingá-los. São assim, não sabem fazer guerra.»

«Quando eles são rechaçados, procuram sempre as pessoas que não podem defender-se para as matar ou raptar. Sempre que eles levam mulheres, nós fazemos vasculhar as mulheres e libertamos as mulheres.»

Por que levam só mulheres? — Porque são porcos. Precisam de satisfazer as suas necessidades.»

Eles fogem para o mato ou então escondem-se nos outros distritos. Eles estão sempre em movimento e parece que não têm acampamentos fixos.»

Mas, é preciso regressar... «Pois. Eu sei que hei-de regressar. Só não sei se voltarei a andar, a correr e a empunhar a arma. Depois, tenho a mulher para sustentar...»



«Tinha perdido a esperança. Pensei que me fossem cortar a perna» — Salomão Tivane, recuperando na Ortopedia do Hospital Central, em Maputo